



VII SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA UNESP

**PASSAREDO:
Voz na Educação Musical**

de 23 a 27 de setembro 2019

Organização: G-PEM (Grupo de Pesquisa em Educação Musical)

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de
Artes da UNESP

S471a	Semana de Educação Musical, Instituto de Artes, Unesp (7. : 2019 : São Paulo, SP) Anais da VII Semana de Educação Musical, 23 a 27 de setembro de 2019 : Passaredo : voz na educação musical / realização : Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (GEPEM); coordenação : Fábio Miguel, Maria Consiglia R. C. Latorre, Marisa Trench de O. Fonterrada. - São Paulo : Unesp, Instituto de Artes, 2020. 364 p. ISBN: 978-85-62309-30-4 1. Musica - Instrução e estudo. 2. Musica e sociedade. 3. Professores de musica Formação. I. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (GEPEM). II. Miguel, Fábio. III. Latorre, Maria Consiglia R. C. IV. Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. IV. Título. CDD 780.7
-------	---

Pedagogia vocal para o trabalho com crianças “desafinadas”: uma revisão bibliográfica

Débora Andrade

Universidade Federal de Juiz de Fora - debora.andrade@ufsj.edu.br

Marcus Vinícius Medeiros Pereira

Universidade Federal de Juiz de Fora - marcus.medeiros@educacao.ufjf.br

Resumo: Esta revisão bibliográfica é parte de uma pesquisa de doutorado que pretende conhecer e analisar as práticas pedagógicas de regentes com relação a crianças consideradas “desafinadas”. Nos limites deste texto, apresentamos várias compreensões a respeito dos tipos de crianças “desafinadas”, bem como algumas propostas pedagógicas que visam solucionar o problema. Os principais referenciais que embasam este trabalho são Sobreira (2017, 2016, 2003, 2002), Rutkowski (2015, 1997, 1996), Welch (2002, 1986, 1985), Vallaincourt (2012) e Lara (2004).

Palavras-chave: Criança desafinada. Coral infantil. Pedagogia vocal. Seleção vocal. Desenvolvimento músico-vocal.

1. Introdução

Esta comunicação é parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação, cujo objetivo inicial é conhecer e analisar as práticas pedagógicas de professores de música relacionadas à inclusão de crianças “desafinadas” em coros infantis escolares de Minas Gerais. E, nesse contexto, pretende-se investigar a prática de sujeitos que atuam em turmas de 7 a 11 anos de idade, garantindo que seu público já possua condições fisiológicas mínimas para participar da atividade (VALLAINCOURT, 2012; LARA, 2004; CRUZ, 2003) e que ainda não se encontre em meio ao processo de muda vocal (PHILLIPS, 2014; LECK e JORDAN, 2009; COOKSEY, 1999).

A referida pesquisa nasce de nossa preocupação com relação à existência de uma prática de seleção vocal em coros infantis, muitas vezes, justificada pela crença na existência de um talento, denunciada por Lima (2017), como uma forma de violência simbólica, em uma época em que a desafinação vocal infantil tem sido compreendida como sendo parte natural do processo de desenvolvimento músico-vocal, (que Vaillancourt (2012) divide em três fases, Rutkowski (2015, 1997, 1990), em nove fases, Welch (1986, 1985), em cinco fases e Welch (2002) e Forcucci (1975), em quatro.

Portanto, é possível considerar que cantar afinado é um comportamento que se aprende (SOBREIRA, 2003; FORCUCCI, 1975).

Autores como Atterbury (1984) e Forcucci (1975) nos chamam à responsabilidade para que ajudemos nossos cantores “desafinados”. De acordo com o referido autor, a postura dos educadores musicais em relação a essa questão tem sido a de varrer o problema para debaixo do tapete. “Por que permitimos que essa situação persista?” (FORCUCCI, 1975, p. 57). Segundo esse autor, o educador musical não precisa ter poderes miraculosos ou excessivo tempo extra. É necessário ter compromisso com todos os cantores, uma compreensão dos problemas vocais e uma habilidade para prover uma intervenção pedagógica.

De acordo com Bartle (2003),

Todas as crianças podem ser ensinadas a cantar se elas começam sua descoberta vocal pessoal na tenra idade e se elas forem ensinadas por alguém que não apenas acredita que toda criança possa cantar, mas que também tenha as habilidades pedagógicas para ensiná-la a cantar. Às crianças nunca, jamais deve ser dito que elas não podem cantar ou ser dito que apenas mexam a boca (BARTLE, 2003, p. 8).

Nesse sentido, Bourne (2009) afirma ter aprendido, com o passar dos anos, que “ensinar às crianças a cantar de maneira afinada, bem sucedida e confiantemente vai além do simples conhecimento e transmissão das “noções básicas do canto” (BOURNE, 2009, p. 31, tradução nossa). Para a autora, é necessário que, primeiramente, o professor crie um ambiente que inspira confiança e segurança à criança que apresenta dificuldade relacionada à afinação da voz cantada, além de prover tempo, espaço e ajuda individualizada. Afinal, “nenhuma técnica vocal no mundo mudará a atitude ou a inclinação do estudante para tentar e aprender se ele sente que o professor não acredita que ele é digno de seu tempo ou esforço” (BOURNE, 2009, p. 33, tradução nossa).

Não se pretende discutir, nem apresentar, minuciosamente, as possíveis causas desse comportamento, visto já ter sido fortemente explorado por vários autores, como Sobreira (2017, 2016, 2003, 2002), nosso grande referencial brasileiro em questões relacionadas à afinação vocal, Rutkowski (2015, 1997, 1990), Phillips (2014), Bartle (2003, 1993), Cruz (2003), Welch (2002, 1986, 1985), dentre outros.

Nos limites deste trabalho, apresentamos uma revisão bibliográfica a respeito da desafinação vocal na infância, bem como das intervenções pedagógico-musicais sugeridas por autores da literatura coral infantil. Para tal, consideraremos a afinação

como “o ajuste do tom de uma nota em relação à outra, de modo que o número de vibrações corresponda às exigências da acústica” (BEHLAU & REHDER, 1997, p. 37). Portanto, utilizaremos a terminologia “desafinada” para se referir à criança que comete desvios de frequência melódica em relação a um modelo que lhe é fornecido pelo professor de música.

Este levantamento bibliográfico foi realizado em Anais de eventos de educação musical, em bibliotecas físicas e digitais, em periódicos nacionais e internacionais e em bancos de teses e dissertações, a partir dos descritores “voz infantil”, “desenvolvimento músico-vocal”, “desafinação vocal” e “coral infantil”. Nesta consulta, encontramos 103 textos relacionados ao tema, mas selecionamos vinte e sete deles para este trabalho, por sua maior proximidade com o objeto de investigação.

É importante, contudo, mencionar que demos preferência à apresentação de intervenções pedagógicas de obras não brasileiras. Portanto, não contemplamos, neste trabalho, as intervenções propostas por Boechat e Sobreira (2017), Calvente (2013) e Sobreira (2003), visto que correspondem a bibliografias em vernáculo, de fácil acesso para o regente brasileiro.

2. Da criança “desafinada”

A criança que apresenta dificuldade na afinação da voz cantada pode ser descrita como aquela que “não consegue entoar bem, confunde alturas, o seu cantar assemelha-se à fala, não memoriza com facilidade as melodias ensinadas ou não consegue cantar sem o apoio de outra voz” (CRUZ, 2003, p. 39). Em suma, além da falta de interesse (GOULD, 1969 *apud* SOBREIRA, 2003) e da timidez (BARTLE, 1993), as causas da desafinação vocal têm sido organizadas em quatro categorias:

(1) ambiental ou falta de exposição à música; (2) orgânica, incluindo maturação atrasada, defeitos físicos e doenças; (3) psicológica, tais como discriminação de altura ruim, memória tonal ruim e falta de confiança; (4) controle vocal ruim causado pelo controle respiratório ruim, consciência cinestésica do mecanismo vocal, dificuldade de troca para o registro mais agudo e tensão (AARON *apud* PHILLIPS, 2014, p. 35).

Embora, no Brasil, tenhamos o costume de utilizar o termo “desafinado”, em outros idiomas, existem várias nomenclaturas, que tentam descrever diferentes características, tais como: “cantor impreciso”, “não cantor”, “cantor atrasado”,

“monotônico”, “cantor problema”, “cantor parcial”, “quase cantor”, “fora do tom” e “cantor de extensão restrita” (RUTKOWSKI, 1997), dentre outras. Já outros autores, como Forcucci (1975), classificam as crianças cantoras como “cantores de extensão restrita”, “cantores incertos”, “cantores dependentes”. Embora o termo monotônico costume ser usado, seu uso tem sido questionado, uma vez que indivíduos assim classificados conseguem emitir mais de um som (BARTLE, 1993).

Lara (2004) distingue essas crianças de acordo com as suas dificuldades músico-vocais, e nos apresenta as seguintes características: o “cantor incerto” canta fora do tom tanto sozinho, quanto em grupo; quando sozinho, o “cantor dependente” não mantém a afinação, a menos que seja ajudado por outro cantor ou acompanhado por instrumento; o “cantor grave” é aquele que canta abaixo do tom dado, possuindo um som indefinido, às vezes, muito forte, desprovido de senso de tonalidade; o “*organum*” é a criança que transpõe a melodia, geralmente, uma quinta ou quarta abaixo da melodia de referência, cantando as relações intervalares corretamente, mas em outra tonalidade; o “direcional” aproxima seu canto do contorno da melodia - comportamento músico-vocal típico de crianças que possuem 5 ou 6 anos de idade.

Ainda de acordo com a autora, o “cantor agudo” fala e canta no agudo o tempo todo; o “vocalmente estressado” vive disfônico, o que lhe causa frustração e pouco prazer em cantar; o “cantor de respiração insuficiente” apresenta muita sopro em sua voz; o “de extensão curta” é, muitas vezes, chamado de “monotônico”, por apresentar pequena variação melódica na performance vocal. Acrescenta-se a esses o que sussurra e o que grita.

Isso demonstra que a desafinação vocal infantil é um fenômeno complexo, que exige conhecimento do regente de coro infantil para desvelar suas possíveis causas e intervir pedagogicamente por meio de diferentes atividades musicais. Para tal, descrevemos a seguir algumas intervenções pedagógico-musicais disponíveis na literatura coral infantil.

3. Intervenções pedagógico-musicais

Existe um consenso entre autores de que, para que a voz infantil se desenvolva, faz-se necessária a descoberta da voz cantada, pela criança, sobretudo, a voz de cabeça (VAILLANCOURT, 2012). Mas o mesmo não procede com relação à forma como o

trabalho pedagógico será feito - se individual ou coletivo. De acordo com Jaramillo (2004), por exemplo, o trabalho vocal a ser realizado junto à criança “desafinada” deveria ser feito separadamente do grupo coral, uma vez que, para o autor, uma criança afinada não ajuda outra “desafinada”. Ao contrário, a “desafinada” atrapalha a afinada. Essa ideia é endossada por Phillips (2014), por acreditar que esse caminho acelera o processo de aprendizagem da criança que é alvo da intervenção pedagógica.

Por outro lado, Bartle (1993), orienta o professor a trabalhar com pequenos grupos de até quatro crianças de 8 a 10 anos de idade, de níveis de desenvolvimento vocal aproximado, três vezes por semana, durante dez minutos. E Cruz (2003) defende a ideia de que as intervenções aconteçam de ambas as formas, tanto individual quanto junto ao coro. Além disso, a autora afirma que, ao receber essas intervenções, em situações normais de saúde, num prazo de três meses, uma criança pode começar a afinar. Contudo, se nesse período não apresentar melhoria, ela orienta encaminhar a criança a profissionais de saúde, como otorrinolaringologista e fonoaudiólogo.

A literatura coral infantil nos apresenta alguns procedimentos a serem utilizados para intervir no processo de afinação vocal infantil, que estão relacionados ao fornecimento de modelo vocal apropriado, *de feedback* verbal e visual, fazendo distinção entre as diferentes maneiras de se utilizar a voz, ensinando a correta maneira de se utilizar a respiração diafragmática, selecionando repertório adequado, dentre outros.

A princípio, não podemos ignorar o fato de que o modelo vocal de referência afeta diretamente a percepção e a forma de produção vocal da criança. Green (1987, 1990 *apud* SHAW, 2013) e Phillips (2014) afirmam que a criança responde melhor a outro modelo vocal infantil. Na sequência, compreende melhor a voz feminina, seguida da voz masculina, em falsete, e, por último, a voz masculina, que soa uma oitava abaixo da infantil.

Nesse sentido, embora Shaw (2013) nos apresente uma longa lista de autores que orientam o regente masculino a utilizar sua voz em falsete, no lugar da voz natural, no trabalho com crianças, sobretudo com pouca experiência de canto, Cruz (2003) desaconselha a utilização da voz em falsete, porque embora ele “soe como registro feminino, ele não possui a expressividade e a riqueza de nuances da voz natural. Seu timbre não é pleno e aparenta tensão na emissão” (CRUZ, 2003, p. 20).

Além disso, é importante dizer que, ao trabalhar com crianças que possuem dificuldade em afinar, a voz do regente deveria ser livre de vibrato (SHAW, 2013;

VAILLANCOURT, 2012), sendo aconselhável a elaboração de uma *playlist* de canções a serem apreciadas pelos coristas, em casa, selecionando repertório cuja tonalidade seja compatível com a extensão vocal da criança e cujo modelo vocal seja o ideal.

Também é aconselhável a utilização de *feedback* verbal e/ou visual. A combinação dos dois é mais efetiva do que a utilização do *feedback* verbal apenas. Como *feedback* visual, podem-se sugerir as seguintes imagens: lançar na cesta uma bola de basquete para notas agudas e mover as mãos do estudante em direção à altura desejada, dentre outros. A respeito do *feedback* verbal, Runfola e Rutkowski (2010) nos orientam a seguir esses passos, que transcrevemos, na íntegra:

1. Faça um comentário honesto, positivo; 2. Diga à criança o que ela precisa trabalhar; 3. Forneça um modelo de como o som deveria ser; 4. Peça a todas as crianças para imitar; 5. Forneça o modelo novamente; 6. Peça aos [coristas] para imitar individualmente, ou se você estiver corrigindo um pequeno grupo de crianças, peça ao pequeno grupo para repetir; 7. Forneça verdadeiro, mas encorajador, comentário em resposta (RUNFOLA; RUTKOWSKI, 2010, posições 302 e 307, tradução nossa).

Recomenda-se, também, que o regente peça para a criança lhe dar um *feedback* de sua sensação física ao fornecer a resposta sonora. Dessa forma, o regente pode intervir fazendo-a distinguir entre as sensações corporais relacionadas e a utilização dos registros de peito e de cabeça.

Embora nenhuma pesquisa ainda tenha comprovado a eficácia dessa ferramenta para a melhoria da afinação vocal, Phillips (2014) recomenda a utilização do manossolfa (Figura 1), como um auxílio de memória para a aprendizagem e lembrança dos padrões tonais, por ser um recurso que desenha no ar subidas e descidas sonoras. E para ilustrar essa proposta, sugerimos, de acordo com Miller e McKenna (2013) e Wieblitz (2011), que o regente cante padrões melódicos como “Dó Dó Dó”, “Dó Ré Mi”, “Dó Mi Mi”, “Mi Ré Dó” e outros semelhantes, várias vezes, utilizando os sinais de mão e solicitando aos coristas que eles o imitem.

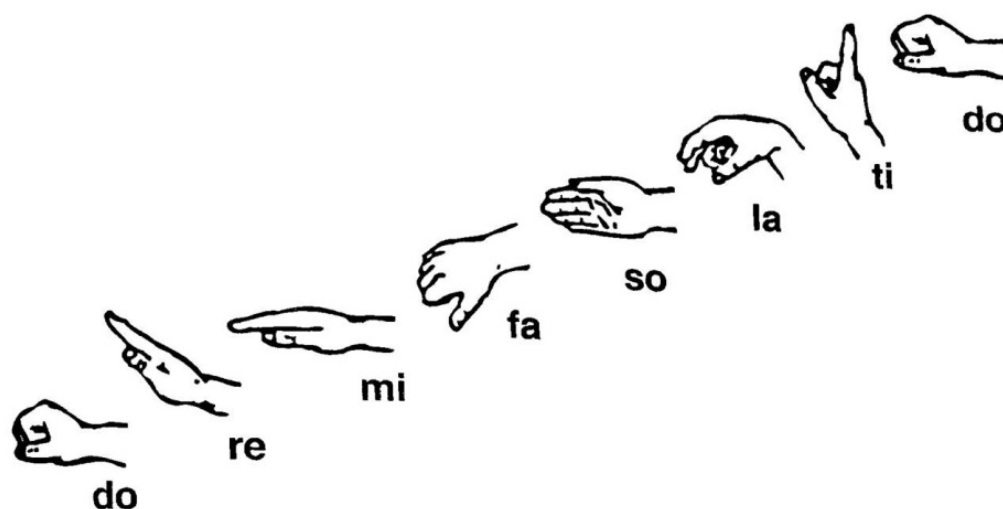


Figura 1: Manossolfa (LECK e JORDAN, 2009, p. 165)

De acordo com Wieblitz (2011), a

apresentação visual de intervalos e de mudança de altura com a mão é provavelmente o caminho mais fácil de tornar o conceito imaginário de ‘altura’ não apenas visível, mas também tangível e compreensível. Não são apenas elementos espaciais que estão sendo mostrados, pois isto é combinado com a expressão física da maior ou menor tensão de um intervalo, do arco de uma melodia (WIEBLITZ, 2011, p. 157, tradução nossa).

Nesse sentido, a autora sugere como auxílio para a aquisição do senso da altura e da entonação, além do manossolfa acima, a “mão de cinco notas” (Figura 2), que é uma variação da “mão Guidoniana”, na qual o dedo médio desempenha a função de mostrar onde na melodia ocorrerá o intervalo de um semitom. Uma vez que as notas são contadas no sentido de baixo para cima, quando o dedo médio se junta ao dedo anelar, indica que há semitom entre a segunda e a terceira nota do trecho melódico. Da mesma forma, quando o dedo médio se junta ao dedo indicador, indica que há semitom entre a terceira e a quarta nota.



Figura 2: Mão de cinco notas (WIEBLITZ, 2011, p. 161)

Lara (2004) e Runfola e Rutkowski (2010) nos orientam criar atividades que ensinem a criança a distinção entre voz falada, voz gritada, voz sussurrada e voz cantada, pois o que pode parecer uma distinção óbvia para adultos não o é para as crianças. E, nesse mesmo sentido, Rao (1993) sugere a utilização do que ela nomeia como padrões diários de fala, como bocejos, risadas, choros e suspiros.

Com relação à escolha do repertório, é importante oferecer às crianças padrões melódicos e canções cuja tonalidade contemple a tessitura vocal das crianças. Nesse sentido, Bartle (2003) afirma que as tonalidades de Ré, Mi Bemol e Mi, tanto maiores quanto menores, são as melhores opções para contemplar a tessitura¹ das crianças, que é apresentada por Phillips (2014), juntamente com a extensão vocal infantil (Figura 3), na tabela a seguir:

	6/7 anos	7/8 anos	8/9 anos	9/10 anos	10/11 anos	11/12 anos
Extensão	Dó3 ao Dó4	Si2 ao Ré4	Sib2 ao Mib4	Lá2 ao Mi4	Láb2 ao Fá4	Sol2 ao Sol4
Tessitura	Ré3 ao Lá3	Ré3 ao Si3	Ré3 ao Dó4	Ré3 ao Ré4	Ré3 ao Ré4	Ré3 ao Ré4

Figura 3: Referência de extensão e tessitura vocal de diferentes idades (PHILLIPS, 2014, p. 100 – 101)

Outra estratégia que pode ajudar imensamente o processo de afinação vocal é ensinar à criança a respirar corretamente, uma vez que o ar expelido dos pulmões é responsável pela vibração das pregas vocais. A falta de coordenação do suporte respiratório pode produzir tanto uma voz gutural, pressionada, quanto um “canto desafinado, difuso, como resultado da baixa pressão de ar e da falta de compensação do mecanismo laríngeo” (PHILLIPS, 2014, p. 38, tradução nossa).

Para finalizar essa seção, Lara (2004) nos orienta a ensinar muitas canções curtas e repetitivas para o chamado “cantor direcional”, apresentando-lhe, também, jogos de imitação vocal (ecos). Para o de extensão curta, devem-se apresentar jogos vocais que explorem tanto o registro grave, quanto o agudo, estimulando-o a gravar as diferentes sensações físicas. Com relação ao “*organum*”, deve-se lhe oferecer oportunidades para que ele experimente o canto em uníssono. Inicialmente, deve-se

¹ Extensão “refere-se ao limite de sons emitidos por uma voz, do grave ao agudo, mesmo além dos limites naturais de sua tessitura [e tessitura] é o conjunto de notas (...) onde o cantor emite a voz com total homogeneidade” (MARSOLA, BAË, 2000, p. 33).

solicitar que cante sozinho, selecionando, em seguida, algumas crianças para se juntar a ele, a partir de sua nota musical escolhida.

4. Considerações finais

Esta revisão bibliográfica nos dá base para fazer as seguintes afirmações: 1 crianças consideradas “desafinadas” podem aprender a cantar afinado, uma vez que a desafinação vocal pode ser considerada uma das etapas do desenvolvimento músico-vocal infantil; 2 é necessário que os regentes de coros infantis investiguem as causas da desafinação vocal de seus coristas, a fim de realizar interferências pedagógicas adequadas; 3 a revisão bibliográfica enfraquece o argumento da importância de se praticar a seleção vocal, firmados na crença do talento.

Para a nossa pesquisa de doutorado, compreender como se dá o desenvolvimento musicovocal infantil é importante, pois nos permite levantar questões como: 1 Como os regentes de coros infantis escolares têm acolhido musicalmente a criança considerada “desafinada”?; 2 Eles têm tido acesso a essas informações?; 3 Sua prática pedagógico-musical revela outras estratégias de intervenção ainda não apontadas pela literatura coral infantil?

Defendemos a prática do canto coral como importante ferramenta de educação musical nas escolas públicas brasileiras, dada a aparente facilidade de se formar um coral – muito devida às poucas necessidades materiais para que a atividade ocorra. Dizemos “aparente”, pois observamos uma série de dificuldades, principalmente do ponto de vista pedagógico, que podem ser determinantes no relacionamento com música das crianças sob nossa responsabilidade.

Para tanto, é possível conceber a hipótese de que o conceito de “criança desafinada”, em seu uso cotidiano, pode revelar-se como uma máscara. Machado Pais (2008, p. 8) afirma que, não sem razão Nietzsche (1980, p. 46) dizia que “todo o conceito deriva de igualarmos o que é desigual”. Nessa esteira, a revisão bibliográfica efetuada mostrou que há diferentes questões ocultas sob a máscara da expressão “criança desafinada”. Utilizada a partir do senso comum, a expressão torna-se uma abstração arbitrária de diferenças individuais, que acaba por encobrir a necessidade de ações pedagógicas específicas. Quando associada à prática de seleção vocal, a concepção do canto coral como ferramenta de educação musical se desfaz.

A intenção, na pesquisa de doutorado em andamento, é observar como esta “máscara” é utilizada nas escolas de educação básica numa região específica do estado de Minas Gerais. Como afirma Machado Pais (2008, p. 7):

Um dos desafios da sociologia é desmascarar as actuações cotidianas, procurando descobrir o que elas revelam a partir do que ocultam. Se a realidade nos aparece mascarada é sensato não desprezar suas máscaras, embora seja certo que elas, como os mitos, não podem explicar-se por si só, como nos ensinou Lévi-Strauss (1979). Para desvendar o que as máscaras ocultam é necessário decifrar os seus enigmas (Pais, 2003). De que forma? Pesquisando os usos que se fazem das máscaras. É esse o desafio que lanço, tomando como referenciais empíricos diferentes cenários de actuação das máscaras, a começar pelos actos de nomeação que mascaram a realidade a partir do momento em que a nomeiam.

A seleção vocal acaba tornando-se, de certa forma, outra máscara arbitrária que não somente pode ocultar um desconhecimento sobre os processos de desenvolvimento da voz cantada nas crianças, mas cujos efeitos acabam por afetar seriamente a oferta democrática de educação musical para todos.

A proposta é, pois, compreender os usos, as “atuações cotidianas” dessas máscaras nas práticas corais de escolas de educação básica, procurando descobrir “o que elas revelam a partir do que ocultam”. Dessa forma, esperamos contribuir para a desmistificação em torno da prática musical, que pode – e deve – ser acessível a todos.

Referências:

ATTERBURY, B. W. **Are you really teaching children how to sing?** Music Educators Journal, April, 1984, pp. 43 – 45.

BARTLE, Jean Ashworth. **Sound Advice: Becoming A Better Children's Choir Conductor.** New York: Oxford University Press, 2003.

BARTLE, Jean Ashworth. The Uncertain Singer. In: BARTLE, Jean Ashworth. **Lifeline for Children's Choir Directors.** Toronto: Gordon V. Thompson Music, 1993.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. **Higiene Vocal para o Canto Coral.** Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

BOECHAT, Bruno; SOBREIRA, Silvia. Ajudando a criança a encontrar sua voz cantada. In: SOBREIRA, Silvia (Org.). **Se você disser que eu desafino...** Rio de Janeiro: UNIRIO / Instituto Villa-Lobos, 2017.

BOURNE, Patricia. The Child Singing Voice. In: BOURNE, Patricia. **Inside the Elementary School Chorus: Instructional Techniques for the Non-Select Children's Chorus**. Dayton: Heritage Music Press, 2009.

CALVENTE, Glória. To sing or not to sing? In: WELCH, Graham et al. **Se você disser que eu desafino...** 1 ed. Silvia Sobreira (Org.) Rio de Janeiro: UNIRIO / Instituto Villa-Lobos, 2017.

COOKSEY, John M. **Working with Adolescent Voices**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1999.

CRUZ, Gisele. **Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil**. 2ed. São Paulo: SESC, 2003.

JARAMILLO, Alejandro Zuleta. El niño que no afina: desarrollo de la voz cantada. In: JARAMILLO, Alejandro Zuleta. Programa Básico de Dirección de Coros Infantiles. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2004.

LARA, Maria Olga Piñeros. Problemas de afinación en los niños – Posibles causas y soluciones. **Introducción a la Pedagogía Vocal para Coros Infantiles**. República de Colombia: Ministerio de Cultura, 2004.

LECK, Henry; JORDAN, Flossie. **Creating Artistry Through Choral Excellence**. USA: Hal. Leonard, 2009.

LIMA, Christiane Alves de. A violência simbólica presente em testes de seleção para coral infantil. In: **XXVII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**. 2017, Anais. Campinas, p. 1 – 8.

MACHADO PAIS, José. Máscaras, jovens e "escolas do diabo". **Revista Brasileira de Educação**, vol. 13, núm. 37, enero-abril, 2008, pp. 7-21.

MILLER, Cristi Cary; McKENNA, Angela K. **Quick Starts for Young Choirs: Activities and Ideas to Focus Young Singers**. Milwaukee: Hal Leonard Corporation, 2013.

PHILLIPS, Kenneth H. **Teaching Kids to Sing**. 2 ed. Boston: Schirmer, 2014.

RAO, Doreen. **Practice Project Two: Finding Your Singing Voice**. In: RAO, Doreen. We will sing! Choral Music Experience Classroom Choir. U.S.A: Boosey & Hawkes, 1993.

RUNFOLA, Maria; RUTKOWSKI, Joanne. TIPS: **The Child Voice**. Rowman & Littlefield Publisher, 2010. Versão Kindle.

RUTKOWSKI, Joanne. The Relationship Between Children's Use of Singing Voice and Singing Accuracy. **Music Perception**, v. 32, n. 3, 2015, p. 283 – 292.

RUTKOWSKI, Joanne. **The Nature of Children's Singing Voices: Characteristics and Assessment**. The Phenomenon of Singing, vol. 1, 1997, p. 201 – 209.

RUTKOWSKI, Joanne. The Measurement and Evaluation of Children's Singing Voice Development. **The Quarterly**, vol. 1, n. 1 & 2, 1990, p. 81 – 93.

SHAW, Julia. Strategies for working with inaccurate singers. In: **ILLINOIS MUSIC EDUCATION CONFERENCE**, Anais. Peoria, Illinois, jan. 2013, p. 1 – 10. Disponível em: <https://www.ilmea.org/site_media/filer_public/2013/01/11/shaw.pdf>. Acesso: 27/04/2017.

SOBREIRA, Silvia. O problema da desafinação na infância. In: SOBREIRA, Silvia. **Desafinação vocal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Musimed, 2003.

SOBREIRA, Silvia. **Desafinação vocal**: compreendendo o fenômeno. Revista da ABEM, Londrina, vol. 24, n. 36, p.130 – 146 - jan.jun. 2016.

SOBREIRA, Silvia. **Afinação e Desafinação**: parâmetros para a avaliação vocal. Augustus, Rio de Janeiro – vol. 07 – n. 14 – jan.jun – 2002.

SOBREIRA, Silvia. **O canto na infância: alguns desafios**. Se você disser que eu desafino... Silvia Sobreira (Org.) Rio de Janeiro: UNIRIO / Instituto Villa-Lobos, 2017.

VAILLANCOURT, Josée. Le développement de la voix chantée chez l'enfant et la formation des enseignants de musique : un lien manifeste. In: LEROY, Jean-Luc et al. **La voix et l'éducation musicale**: Contribution à la réflexion et à l'action pédagogique (II). (Org) Pascal Terrien e Jean-Luc Leroy. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 123 – 137.

WELCH. Graham F. A Developmental View of Children's Singing. **British Journal of Music Education**, v.3, n.3, November 1986, p. 295 – 303.

WELCH. Graham F. A Schema Theory of How Children Learn to Sing in Tune. **Psychology of Music**, April, 1985, p. 3 – 18.

WELCH. Graham F. Early Childhood Musical Development. **Research Studies in Music Education**, 11 (1), p.113 – 128, August 2002.

WIEBLITZ, Christiane. **Lively children's choir: joyful, playful,dancing**. Incentives and examples. Trad. Margaret Murray. Germany: Reichert Verlag Wiesbaden, 2011.